

# Berlinde De Bruyckere

## No Life Lost — After Humanity

28 Outubro — 24 Dezembro, 2022

*“Acredito no poder que a escultura tem de instigar a mudança, de despertar algo no observador e de lhe permitir projetar na obra as suas questões e ideias.”*

*(Berlinde De Bruyckere)*

A galeria Pedro Cera tem o prazer de apresentar a sua primeira exposição de Berlinde De Bruyckere.

Inspiradas na mitologia, na iconografia cristã e na pintura renascentista, bem como nos atuais acontecimentos sociais e políticos, as obras intemporais da artista belga (residente em Gante) são características de uma linguagem única que une o arcaico ao contemporâneo. Utilizando o corpo, tanto humano como animal ou até vegetal, como motivo central da sua prática, Berlinde De Bruyckere aponta para a vulnerabilidade e fragilidade dos seres vivos ao mesmo tempo que aborda temas relacionados com a mortalidade e a dor, mas também com a beleza. Através de materiais naturais e aparentemente humildes, como a cera, a madeira, o metal, o tecido ou a pele animal, transforma elementos orgânicos em esculturas ambíguas, nas quais a ideia de transformação e metamorfose se relaciona tanto com a materialidade da obra como com as suas múltiplas camadas conceptuais, profundamente assentes na ideia de renascimento e transcendência.

O cavalo é um tema recorrente na obra de De Bruyckere. Apresentado pela primeira vez em 1999 como parte da exposição *In Flanders Fields*, resultado da pesquisa da artista nos arquivos do WWI Museum (Ypres, Bélgica), o cavalo encontrou desde então um lugar de destaque na sua prática artística, tornando-se num elemento essencial para a criação da sua mais recente linguagem plástica aplicada à escultura. O cavalo, que De Bruyckere introduziu na sua obra por intermédio da documentação das monstruosidades da Primeira Guerra Mundial, especificamente fotografias de cavalos mortos, transformou-se através da sua imensidão corporal num símbolo da imensidão da morte. *No Life Lost II* (2015), a obra central da exposição, é em muitos sentidos uma continuação da escultura de De Bruyckere para o WWI Museum. A obra retrata três cavalos, animais tradicionalmente associados ao poder e à força, aqui mortos e empilhados. A disposição dos corpos parece sugerir a ideia de derrota, mas remete ao mesmo tempo para a sua força e poder inerente e irreduzível, aspetos reforçados pela impossibilidade de conter os animais dentro de uma vitrina de vidro. Com patentes sinais de exposição à dor, acentuados pelas feridas e pernas atadas, os corpos parecem simultaneamente frágeis e vulneráveis. A vitrina, tradicionalmente associada à proteção e à preservação, reforça a dicotomia do cavalo morto, aumentando a tensão suscitada pelas obras ao mesmo tempo que sugere uma ideia de metamorfose e transformação. Ao ocultar o focinho dos cavalos, De Bruyckere sublinha a ideia de proteção e recolhimento associada à vitrina, ao mesmo tempo que apaga a individualidade do animal. Através deste gesto, De Bruyckere evita qualquer vestígio de sentimentalismo, desviando a nossa atenção para a linguagem do corpo, que consiste geralmente no catalisador da narrativa das suas obras.

Um momento igualmente perturbador na exposição é o encontro com *Lost V* (2021-2022), uma escultura recente de um potro instalada na segunda sala. A composição e modo de apresentação, enfatizados pelo posicionamento central da escultura, parecem aludir a um sacrifício, um tema explorado em algumas das obras da artista, sobretudo inspiradas no *Agnus Dei* de Francisco de Zurbarán. Porém, ao afastar a sua narrativa de temas diretamente relacionados com a iconografia cristã, a série *Lost* sugere maior ambiguidade. A imobilidade do cavalo faz com que pareça morto, num sono profundo ou entre estados. A disposição e posição do corpo sobre a laje de mármore, material nobre agora profanado, permitem-nos sentir o seu peso e questionar a sua temperatura em comparação com a superfície fria da pedra, provocando uma sensação de incerteza temporal que intensifica a ambiguidade. O tema contrastante do cuidado, proximidade e proteção é também expresso nesta obra, nomeadamente através da

presença de um cobertor velho que envolve cuidadosamente o corpo do cavalo.

A sensação de ambiguidade é um denominador comum na maioria das obras de Berlinde De Bruyckere, uma ferramenta que possibilita a universalidade e abertura na leitura da obra, quer através da memória coletiva ou pessoal. A natureza abstrata, porém familiar, de algumas das obras De Bruyckere lembra-nos o termo freudiano *Unheimlich* (“inquietante estranheza”), que designa o oculto, o reprimido e o ressurgente. *Met Tere Huid III e IV* (2014) são exemplos perfeitos do que estamos a dizer. A abordagem ambígua à materialidade da escultura e à sua relação material com o corpo gera uma sensação de desconforto visual seguida de um aumento da curiosidade que atrai o olhar para a dimensão mais profunda da obra. A escultura, que consiste num cabresto de cavalo feito de resíduos, tais como coleiras de cavalo usadas, cobertores velhos, couro envelhecido ou moldes de cera de peles de animal, revela através da sua imobilidade uma relação com o passado. A sua estética “carnal” e a tenrura de alguns dos materiais que a compõem são sugestivas do corpo, humano ou animal, ferido ou abandonado. A natureza da obra comunica com os corpos de cavalo empilhados que se encontram por perto. Porém, a relação que se estabelece é tácita, permitindo uma ligação fluida entre temas opostos, como o cuidado e a exploração, a beleza e a morte, ao mesmo tempo que introduz na obra uma dimensão sexual que é aqui enfatizada pela natureza do objeto, uma referência ao trabalho do campo, símbolo do domínio masculino, a qual contrasta com as semelhanças formais da escultura com o sexo feminino.

De Bruyckere aprofunda o tema da sexualização nas suas obras sobre papel e na sua relação direta com a já mencionada série *Met Tere Huid*. Estas obras sobre papel, inspiradas no processo de limpeza da pele animal, estão ligadas ao processo de produção e tratamento de peles de animais usadas em moldes de cera. Parte desse processo implica esticar a pele sobre um grande pilar, neste caso, um símbolo fálico e uma referência ao sexo masculino. A obra, cujas características formais remetem para os genitais femininos, intensifica a tensão entre os dois sexos, aprofundando o jogo de contrastes, um aspeto sintomático da obra da artista. Embora aparentemente abstrata, a carnalidade das suas cores, que sugere mutilação, a sua sensualidade e a sexualidade daquilo que aparenta ser carne macia ecoam os complexos estados emocionais e metafísicos do corpo, sujeito a uma contínua transformação, regeneração e renascimento, sem que nenhuma vida se perca (...as No Life [is] Lost).

—

As esculturas e desenhos de De Bruyckere têm integrado exposições em importantes instituições de todo o mundo, entre as quais “PEL / Becoming the Figure”, Arp Museum, Remagen, Alemanha (2022), “Plunder / Ekphrasis”, MO.CO, Montpellier, França (2022), “Engelenkeel”, Bonnefanten, Maastricht, Países Baixos (2021), “Aletheia”, Fondazione Sandretto Re Rebaudengo, Turim, Itália (2019-2020), “Il Mantello” (evento 5x5x5 para a Manifesta 12), Igreja de Santa Venera, Palermo, Sicília (2018), “Berlinde De Bruyckere”, Sara Hildénin Taidemuseo, Tampere, Finlândia (2018), “Embalmed”, Kunsthal Aarhus, Dinamarca (2017), “Berlinde De Bruyckere. Suture”, Leopold Museum, Viena, Áustria (2016); “Berlinde De Bruyckere. Penthesilea”, Musée d’Art Moderne et Contemporain, Estrasburgo, França (2015); “Berlinde De Bruyckere. The Embalmer”, Kunsthaus Bregenz, Bergen, Áustria (2015); “Berlinde De Bruyckere. The Embalmer”, Kunstraum Dornbirn, Dormir, Áustria (2015); “Berlinde De Bruyckere”, Gemeentemuseum Den Haag, Haia, Países Baixos (2015); “Berlinde De Bruyckere. In the Flesh”, Kunsthaus Graz, Grãs, Áustria (2013); “Philippe Vandenberg & Berlinde De Bruyckere. Innocence is precisely: never to avoid the worst”, Museu de Arte Contemporânea De Pont, Tilburg, Países Baixos (2012), apresentada seguidamente em La maison rouge – Fondation Antoine de Galbert, Paris, França (2014); “We are all Flesh”, Australian Centre for Contemporary Art, Melbourne, Austrália (2012); “The Wound”, Arter, Istambul, Turquia (2012); “Mysterium Leib: Berlinde De Bruyckere im Dialog mit Cranach und Pasolini”, Kunstmuseum Moritzburg, Halle, Alemanha, e Kunstmuseum Bern, Suíça (2011); DHC / ART Foundation for Contemporary Art, Montreal, Canadá (2011); e “E.n”, Museu de Arte Contemporânea De Pont, Tilburg, Países Baixos (2005). Em 2013, De Bruyckere foi selecionada para representar a Bélgica na 55ª Bienal de Veneza, onde revelou a sua obra monumental Kreupelhout – Cripplewood, uma colaboração com o romancista e Prémio Nobel da Literatura J.M. Coetzee.